



Sustentabilidade  
em Debate

# Novas Economias Enraizadas em Iniciativas Locais

Jane Simoni

Doutora em Desenvolvimento Sustentável. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Cientista Social. Pesquisadora DTI Rede Clima (INPE/MCT).  
Email: jane.simoni@gmail.com

Recebido em 10.10.2011

Aceito em 15-11.2011

---

## LEITURA RECOMENDADA

---

ZAOUAL, HASSAN. **Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A; Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006. ISBN: 85-7490-397-3 diga se tem bibliografia, índice remissivo, figuras etc.

Hassan Zaoual (1950-2011) nasceu em Rabat, capital do Marrocos. Doutor em Economia pela Universidade Lille I, França, foi professor de economia da Université du Littoral Côte D' Opale (França) e diretor do Grupo de Pesquisa sobre Economias Locais. O currículo de Zaoual inclui postos como o de vice-presidente da associação *Cultures Europe*, colaborador da organização não-governamental *Réseau Sud/Nord Cultures et Développement* (Bruxelas), diretor da coleção *Économie plurielle*, da editora L'Harmattan (Paris). Recebeu prêmios científicos como a *l'auréole* do Instituto das Nações Unidas para a Formação e Pesquisa, prêmio da Fundação Jean Scott L'Érigène Unitar/Unesco, e cátedra especial de professor no Institute of Development Po-

licy and Management, da Universidade de Antuérpia (Bélgica). Zaoaul escreveu textos em co-autoria com dois laureados do prêmio Nobel, Amartya Sen (Economia, 1998) e Wole Soyinka (Literatura, 1986).

A obra *Nova Economia das Iniciativas Locais* é uma coletânea de ensaios que dialogam e interagem na totalidade do pensamento local-global de Zaoual. Trata-se da tradução do original *Nouvelle économie des initiatives locales*. É considerada uma continuação do livro *Globalização e Diversidade Cultural* (Editora Cortez, São Paulo, 2003). Os nove capítulos são comunicações apresentadas em



seminários internacionais e artigos publicados e revisitados para esta coletânea. De maneira didática, cada ensaio apresenta um roteiro, com clara

revisão dos principais conceitos e questões contidos no texto. Os ensaios podem ser lidos em ordem aleatória, de acordo com o interesse do leitor, porém complementam-se e dialogam com o tema central do livro. Os conceitos-chave são tratados em praticamente todos os capítulos, mas de forma diferenciada de acordo com o tópico abordado, tornando a leitura prazerosa e instigante.

Os capítulos de *Nova Economia* tratam de questões do desenvolvimento local, regional, territorial e global, as suas implicações, forças e transformações. Na essência do livro está um profundo reconhecimento da diversidade de práticas que o universo local produz. São práticas não computadas e até mesmo ignoradas na epistemologia das ciências do homem ocidental, que no esforço de reprodução padronizada de modelos de desenvolvimento econômico acabam por perder de vista o homem e a sua complexidade, nas palavras de Zaoual.

O *homo situs*, conceito-chave na trajetória do pensamento de Zaoual, é central na argumentação e caracterização das dinâmicas locais e enraizadas e integra a *sua teoria dos sítios simbólicos de pertencimento*. Essa teoria postula que o ser humano necessita um sítio, pois neste espaço ele se ancora e se realiza. É uma entidade imaterial composta pelo espaço cognitivo de pertencimento, que estabiliza o caos social a que o ser humano se sujeita. De acordo com a teoria, são três as caixas de elementos contidas no sítio: a *caixa preta*, simbólica e, em geral, pouco visível nas práticas locais, que contém os mitos fundadores, valores, crenças, revoluções, sentimentos, sofrimentos, experiências, memória e trajetória de um ser humano; a *caixa conceitual*, na qual está contida o saber social, as teorias e os modelos; e a *caixa de ferramentas*, determinante do trabalho, técnicas, modos de organização, ofícios, modelos de ação, comportamentos e o saber-fazer. O senso comum estrutura e produz a interação entre as caixas.

Desta forma, o *situs* se dinamiza simbolicamente e dá vida e sentido ao imaginário social das situações e trajetórias comuns. É peculiar, singular, plural e aberto, pois as trajetórias se fazem do passado histórico e do presente vivido e materializado. A sua imaterialidade se manifesta nos comportamentos e concretudes do local. Sendo um vínculo cognitivo do ator com o seu meio. Este sítio alimenta o *homo situs*, o homem da situação, o homem do concreto, intérprete em sintonia com o imaginário do espaço vivido e que, segundo Zaoual, é o homem social, que pensa e age de forma imediata e ao longo da dinâmica de sua própria situação.

O livro reconhece os novos movimentos que contrariam os padrões uniformes e homogeneizados da economia hegemônica do ocidente e são a favor de uma nova ordem multicultural e diversa, repleta de conteúdo simbólico e territorial. Zaoual aponta para a necessidade humana de ser, crer e pertencer a algo; ser a mola propulsora desses movimentos multiculturais de grupos e populações diversas que não encontram no mercado respostas para este imperativo existencial. O mercado não acomoda a diversidade local situada em símbolos e trajetórias. Daí vem a emergência de novas iniciativas e formas econômicas. Zaoual aposta no reconhecimento da dinâmica informal, nas milhares de micro-atividades exercidas por populações locais, urbanas, e rurais que criam uma economia própria, dissidente, híbrida e mista que não corresponde a, ou não se encaixa no modelo econômico formal.

Reflexões sobre o “desenvolvimento transposto”, tema caro a Zaoual, são centrais à obra. Trata-se do modelo idealizado no ocidente e introduzido, por vezes forçosamente, sem consideração do contexto local e da situação de atores locais. Esse desenvolvimento gera riqueza para uns e é dependente da pobreza, exclusão, fragmenta-

ção, desemprego e migração forçada de outros. É um desenvolvimento marcado por contrastes sociais e econômicos, baseado em problemas ambientais, riscos sociais e culturais, e que reproduz uma aplicação “cega” da ciência tecnológica como resposta aos problemas por ele mesmo criados. O discurso deste desenvolvimento assegura a felicidade e de fato apresenta o mal estar moral e social.

Modelos e projetos econômicos de desenvolvimento viajam o mundo globalizado e tentam se implantar sem considerar a relatividade dos contextos humanos e a capacidade de autonomia de espaços locais. A crítica de Zaoual está centrada na quantidade de modelos que não mobilizam em profundidade os atores dos sítios de recepção, criando assim uma distância entre o ideal ocidental de um modelo de civilização global e os sítios de crenças e ação locais. O *situs* está na mente de cada um. A sua expressão se traduz nas categorias econômicas preconizadas por esses modelos, que são uma simples extensão da crença científica e social do olhar que as projeta. A imposição de categorias econômicas divorciadas do conjunto de crenças e histórias locais conduz ao fracasso. Medidas padronizadas produzem efeitos de curta duração, com pouca ou nenhuma internalização e carentes de significados.

A imposição desse modelo econômico hegemônico tem causado uma profunda crise de identidade, uma cotidianidade sem regras e pontos de referência, valores de liberdade, consulta, pluralismo e debate. Zaoual se apóia no conceito de *anomia* (Durkheim) para ilustrar o sofrimento gerado pelas regras econômicas globais. Zaoual analisa com profundidade a prática científica reducionista e a cultura do racionalismo. As consequências das divisões intrínsecas ao racionalismo fragmenta o homem moderno do Norte e do Sul, tornando-o objeto de múltiplas ciências e conhe-

cimentos, porém com pouca compreensão dos seus problemas reais. O fracasso da hiperespecialização científica se traduz na proposição de soluções transplantadas, sem consideração do *situs* de cada ser humano. Para Zaoual, os projetos econômicos para determinadas localidades terminam por se tornar projéteis. Esse trocadilho é dele, do tradutor ou seu?

Zaoual apresenta as economias dissidentes através das lentes transversais dos sítios simbólicos de pertencimento. Defende a emergência de uma econômica política da variedade. Nela estão contidas as múltiplas faces dos movimentos sociais e antiglobalização, a reinterpretação dos significados e a contestação de regras da economia das convenções ocidentais. Na junção da economia dissidente com os sítios simbólicos estão a cultura, a economia e a ecologia, em consonância com a escala local e a diversidade de práticas econômicas. Zaoual afirma que o saber econômico ordinário desconhece os sistemas locais que operam com múltiplos mecanismos e forças de natureza enigmática.

É importante ressaltar que as economias dissidentes são também consequência do vazio de pobreza e exclusão deixados pela economia de mercado globalizada. A extensão e a multiplicidade da economia informal se tornou “o *centro de gravidade* da vida econômica nos países pobres” (p. 207). A expressão cunhada por Zaoual é de uma *galáxia do informal*, na qual as atividades pertencentes ao universo informal econômico geram inovação endógena, emprego, renda e coesão social e não dependem de ajuda ou financiamento de instituições da economia formal, porque não se encaixam em padrões exigidos.

A ciência do paradigma econômico só reconhece os seus próprios objetos. A informalidade está repleta de formas e objetos não reconhecíveis em sua diversidade e multiculturalidade. A

solução está no ator local, e não no especialista. Essa é a chave do enigma, segundo Zaoual, e está nas mãos do *homo situs*, pertencente, intérprete, flexível, adaptado e enraizado em sua situação vivida. O grande mérito da obra de Zaoual está na proposta de uma reflexão aproximada da realidade local. Ele valoriza o reconhecimento de que cada ser humano tem um sistema de crenças herdado e que influencia a sua trajetória individual e coletiva. Esse sistema, em primeira e última instâncias, é a sua própria trajetória de vida, a sua experiência, o seu caminhar.

O fruto do território imaginário, essa entidade imaterial, é o sítio de pertencimento, no qual as ações geram uma organização vinculada a uma ética e a uma finalidade social e coletiva. Ao trazer à luz essa reflexão, Zaoual prioriza o reconhecimento da solidariedade e da reciprocidade existentes na complexidade humana, esquecidas pela economia de mercado individualista, violenta e excludente. O pensamento de Zaoual acerca das novas iniciativas alerta para a perspectiva míope da macro-economia, baseada em uma visão global de modelos universais e padrões uniformes. A abordagem enraizada na escala local, voltada para as populações locais e que incorpora a visão global, conclama para uma nova postura de cientistas e tomadores de decisão, para um novo paradigma, no qual o ator principal é o ser humano, em sua complexidade, interpretação e significados.